

O impacto positivo da Lei de Cotas

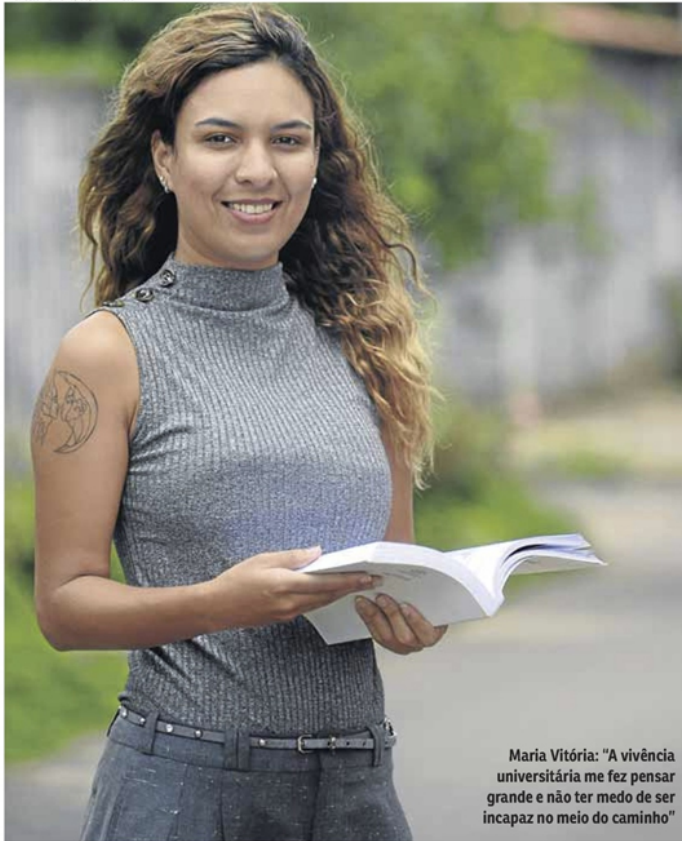
Estudo inédito mostra que grande maioria dos cotistas entrevistados influenciaram amigos e familiares a estudarem mais ou voltarem a estudar

» JÁDER REZENDE

Nos dez anos da criação da Lei de Cotas, principal política pública brasileira para redução da desigualdade de acesso ao ensino superior, pesquisa inédita realizada pela Box1824 e Empodera — plataforma pioneira na construção de negócios inclusivos e preparação de carreira e conexão de jovens com organizações que valorizam a diversidade —, identifica os impactos dessas ações afirmativas na vida das pessoas que as utilizaram. O estudo combinou metodologias qualitativas e quantitativas, focando na comparação entre dois grupos: os cotistas/beneficiários — pessoas que acessaram universidades federais utilizando as vagas reservadas pela lei 12.711 — e os elegíveis, estudantes que cumpriam os requisitos da lei, mas ingressaram no ensino superior por outros caminhos. De acordo com a lei, após dez anos de vigência, o Congresso Nacional deve revisar essa política para definir sobre sua continuidade, aperfeiçoamentos e ampliação.

A lei federal de cotas transformou, em apenas uma década, uma geração de beneficiários que acessaram às universidades federais. Entre os principais efeitos mapeados pela pesquisa, além de recomendações de engajamento para pessoas, empresas e meios de comunicação, destaca-se o impacto das ações afirmativas, que começa antes mesmo do vestibular.

Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press



Maria Vitória: "A vivência universitária me fez pensar grande e não ter medo de ser incapaz no meio do caminho"

O estudo mostra que 78% dos cotistas concordam com a frase "antes de saber sobre as ações afirmativas, eu não cogitava ir para o ensino superior". Em contrapartida, 31% dos elegíveis que não usaram nem as cotas, nem nenhuma outra política afirmativa, acreditam, até hoje, que não se encaixam nos critérios da lei.

A pesquisa conclui, ainda, que as universidades federais representam um espaço inédito para muitas famílias. Entre os cotistas entrevistados, 95% afirmam que o ingresso no ensino superior foi motivo de orgulho para a família, enquanto 46% declararam que foram as primeiras pessoas da família a cursar uma faculdade, materializando sonhos de várias gerações. Ainda assim, por viverem um momento de calibração de uma política recente, enfrentam uma série de dificuldades emocionais e financeiras.

Cursando o primeiro semestre de artes cênicas na Universidade de Brasília (UnB), a estudante Julyna da Silva Patrolino, 19 anos, foi a primeira da família a ingressar em uma universidade. Foi aprovada no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), nas vagas de cota racial e de egresso de escola pública. O pai, Raimundo, 51, é pedreiro e tem apenas o ensino fundamental e a mãe, a dona de casa Neuza, 50, concluiu o ensino médio. Julyana conta que seu ingresso na universidade foi fator de motivação para amigos, parentes — até



Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Trabalho e Formação **Página:** 2 + 3